

# Presidente Arce se reúne com Eva Copa e Ponchos Rojos em resposta à ameaça de golpe de Estado na Bolívia

Via [Contrahegemonía](#)

Em 14 de agosto, o presidente boliviano Luis Arce e a prefeita de El Alto, Eva Copa, reuniram-se pela primeira vez após a expulsão da prefeita do MAS, sua vitória em El Alto com 70% dos votos e sua consolidação na cena política como um importante jovem líder aymara. A reunião também aconteceu depois que o ex-presidente Evo Morales a acusou de ser uma “traidora”, para o qual a prefeita exigiu que ele apresentasse provas e apontou que o ataque tinha a intenção de esconder a derrota do MAS nas eleições subnacionais de março passado.

Eva Copa recebeu Luis Arce em seu reduto, El Alto, o núcleo duro de resistência indígena do país. El Alto é a segunda cidade mais populosa da Bolívia e a primeira de La Paz, e o objetivo da reunião era inaugurar a campanha de vacinação maciça contra a Covid-19 como parte de um esforço conjunto entre o governo nacional e a prefeitura de El Alto. A cidade é a chave na história da luta indígena da Bolívia e protagonista da “guerra do gás” e da resistência ao golpe de Estado de 2019.

A prefeita apoiou a administração de Luis Arce num contexto sócio-político de uma ofensiva desestabilizadora com contínuas manifestações da ultra-direita: “O povo de El Alto não vai permitir que nosso governo seja desestabilizado porque aqui em El Alto nosso presidente Luis Arce ganhou com 77,7%, uma das cidades que obteve a maior porcentagem, de modo que hoje eles são o governo. E assim como nós garantimos seu triunfo,

garantiremos que ele o concluirá porque eles trabalharão para nosso povo”.

Luis Arce foi recebido por uma multidão de pessoas de El Alto que gritaram: “Lucho, irmão, El Alto está com você”, ao que o presidente respondeu: “Se El Alto está com Lucho, Lucho está com El Alto” (...) “Nossos irmãos de El Alto não estão sozinhos, aqui está o governo nacional trabalhando para que eles possam desfrutar de uma vacinação massiva”.

Entretanto, em 26 de agosto, outra importante reunião foi realizada. O Presidente Luis Arce e o Vice-Presidente David Choquehuanca receberam os Ponchos Rojos da província de Omasuyos, em La Paz, na casa do governo, que também apoiou o governo. Os Ponchos Rojos foram os principais aliados do líder indígena Felipe Quispe “El Mallku”, e após sua morte apoiaram seu filho Santos Quispe de “Adelante Pueblo Unido” (APU) como governador de La Paz, assim como Eva Copa de “Renueva El Alto”.

Tanto o setor de Eva Copa quanto o dos Ponchos Rojos são críticos ferozes da esquerda tradicional e colonial da Bolívia, composta pelo chamado setor “intelectual, branco, de classe média” do MAS, que fazem parte da “comitiva” de Evo Morales. Eles são acusados de fechar o caminho para novas lideranças indígenas, especialmente mulheres indígenas, e de usá-las como escada de acesso ao poder político às custas de sua luta. Estas acusações coincidem com as provenientes da ala indígena dentro do MAS.

O apoio de Eva Copa a Luis Arce é muito importante para amortecer uma investida desestabilizadora da ultra-direita, pois se Eva Copa decidir não mobilizar seu povo em El Alto diante de uma nova tentativa de golpe, como ela afirmou há algum tempo, a situação seria, no mínimo, incerta. Ao mesmo tempo, o apoio dos Ponchos Rojos, altamente respeitados dentro do mundo indígena na Bolívia, também é importante.

O encontro entre Luis Arce, Eva Copa e Ponchos Rojos revela um movimento estratégico e inteligente de Luis Arce e David Choquehunaca em meio a um delicado contexto político e social no país. Ambos são políticos que mantêm uma imagem altamente positiva, geram “unidade” e conseguiram unir setores que outras figuras não puderam alcançar, como no caso de Eva Copa e dos Ponchos Rojos. Nas últimas horas, o deputado do MAS Juanito Ángulo até declarou: “O MAS é amplo e não se fecha se Eva Copa quiser voltar”. Ao que Eva Copa declarou: “Nunca mais com o MAS, tenho outros projetos”.

### **Principais fatores que revelam o complexo contexto sócio-político na Bolívia**

1-0 setor da sociedade que alega que houve “fraude eleitoral” em 2019: Recentemente o Ministério Público encerrou o caso de “fraude eleitoral” com base em uma auditoria da Universidade de Salamanca. Isto provocou manifestações contra o encerramento do caso convocado pelo Comitê Pro Santa Cruz e pelo CONADE (Comitê Nacional de Defesa da Democracia), que promoveu o golpe de Estado de 2019. Esses comitês sustentam que isso “abre o caminho para a candidatura presidencial de Evo Morales em 2025”.

Por outro lado, o presidente da Assembleia Boliviana de Direitos Humanos (APDHB) exige que a investigação de Jeanine Áñez seja realizada em liberdade. Outras exigências incluem a libertação de alguns dos detentos e o fim da “perseguição política”. Após a apresentação do relatório pelo Grupo Interdisciplinar de Peritos Independentes (GIEI), a filha de Áñez, juntamente com a ala direita, aceitou a investigação do ex-presidente de facto, mas sob as mesmas condições que Evo Morales, pois acreditam que ao afirmar no relatório que “os direitos humanos foram violados de setembro a dezembro de 2019”, o ex-presidente Evo Morales também deveria ser investigado.

A narrativa de “fraude” continua a ser definida pela OEA como

em 2019. Os mesmos 23 ex-chefes de estado de direita que exigiram que Evo Morales não fosse reeleito em 2019, após a tentativa de suicídio de Añez, responsabilizaram Luis Arce pela “vida e integridade pessoal” de Añez.

Estão ocorrendo manifestações em diferentes partes do país: Santa Cruz, La Paz e Cochabamba, e estão crescendo no país. E com confrontos entre “masistas” e “pititas” (apoiadores dos golpistas) e com algumas pessoas feridas, como no caso das manifestações nas proximidades da Universidad Mayor de San Andrés (UMSA) e na prisão de Miraflores, onde Añez está presa. Além disso, houve uma greve das mulheres presas para exigir melhores condições dentro da prisão e para que as manifestantes de ambos os lados saíssem.

2- O setor da sociedade que sustenta que houve um “golpe de Estado”: Eles exigem que Jeanine Añez permaneça na prisão enquanto seu julgamento continua, pois advertem que ela é um risco de fuga. O Supremo Tribunal de Justiça enviou a acusação ao Parlamento para autorizar um julgamento de responsabilidades, o que só é possível com o acordo da oposição, pois requer dois terços dos votos e o MAS não tem a maioria especial necessária. A oposição a favor dos golpes condicionou seu voto positivo a uma reforma judicial que garantisse uma “justiça neutra” com base no relatório GIEI.

3- O setor que argumenta que estas narrativas de golpe/fraude apenas polarizam a sociedade: eles argumentam que ambos os polos respondem a interesses políticos pessoais e não a uma verdadeira busca de justiça. Por um lado, o caso de “fraude”, que foi encerrado, responde aos interesses da ultra-direita e, por outro, o caso de “golpe de estado” responde à “limpeza da imagem de Evo e sua comitiva”. Para este setor, é necessário diferenciar o caso do “golpe de Estado”, que tem como vítimas o ex-presidente Evo Morales, o ex-vice-presidente Álvaro Linera, a ex-presidente do Senado Adriana Salvatierra e o ex-presidente dos deputados Víctor Borda, dos casos dos “massacres de Senkata e Sacaba”, que apontam para as

“verdadeiras vítimas”. Estes são processos diferentes, com crimes e vítimas diferentes, com tempos e tratamentos diferentes na mídia.

4- Os golpistas são funcionários no eixo metropolitano do país: Fernando Camacho é governador de Santa Cruz, Iván Arias, ex-ministro de facto, é prefeito de La Paz, Manfred Reyes Villa é prefeito de Cochabamba. Embora este último tenha desempenhado o papel de “democrata” com o objetivo de se projetar como candidato “moderado” à presidência do país em 2025, seu passado o condena como líder da chamada “Media Luna”, de onde foi promovida a tentativa de golpe de 2008.

5- A divisão do MAS-IPSP: A ultra-direita conhece esta luta em detalhes, eles a aproveitam e a fortalecem. Eles conhecem os pontos fortes e fracos do MAS. Eles conhecem as relações entre os pólos de poder: 1- O governo de Luis Arce e David Choquehuanca, 2- Evo Morales (presidente do MAS) e sua “comitiva”, 3- O pacto de unidade, 4- A federação de trabalhadores bolivianos (COB).

6-A estrutura do golpe está intacta dentro do Estado: esta situação foi fundamental durante o golpe de 2019 para fins de inteligência. Todos os dias, as pessoas que trabalham no estado e pertencem ao governo de facto são denunciadas através de redes sociais, incluindo algumas que foram recentemente nomeadas. Ninguém se responsabiliza por isso. Um caso paradigmático é o caso do presidente da Yacimientos de Litio Boliviano (YLB), que fazia parte do antigo governo de facto de Añez, que foi a razão pela qual ele não foi reconhecido e a fábrica de lítio na salina de Uyuni foi assumida.

7- Substituição da liderança do “Pacto de Unidade de Resistência”: Estes são os líderes que fizeram parte dele durante o golpe de Estado de 2019. Com suas virtudes e defeitos, eles têm a experiência da luta para resistir ao golpe e ao seu posterior triunfo, recuperando a democracia. Alguns afirmam que eles foram “isolados e difamados”. Um

exemplo é o de Segundina Flores, ex-líder da Confederação de Mulheres Indígenas Bartolina Sisa da Bolívia, que denunciou “a comitiva de Evo” por estar por trás de sua inexplicável saída da organização, apesar de seu papel de liderança durante o golpe, e por fazer parte do pequeno grupo que acompanhou Evo Morales quando ele foi deixado sozinho durante o golpe, já que toda sua “comitiva” havia deixado o país antes do próprio ex-presidente. Ela acrescentou que eles colocaram outra mulher aceita pela “comitiva de Evo”. Ela é atualmente vítima de uma campanha sistemática de difamação, já que uma foto foi divulgada por portais ligados à “comitiva de Evo”. Na foto Segundina aperta a mão do líder golpista Arturo Murillo durante o acordo para pôr um fim aos conflitos em 2019, no qual o pacto de unidade e o centro de trabalhadores bolivianos (COB) participaram.

8- Uma central operária boliviana (COB) em desacordo com a “comitiva” de Evo Morales: a COB. não participou do Congresso do MAS, nem da recente reunião nacional convocada pelo ex-presidente, porque está em desacordo com sua “comitiva”.